

*Discurso por ocasião da abertura da
exposição de obras de arte pertencentes
ao jornalista Roberto Marinho*

PALÁCIO DO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, 15 DE MAIO DE 1995

Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente da República, Doutor Marco Maciel, e Dona Ana Maria Maciel; Senhor Chanceler, Embaixador Luiz Felipe Lampreia, e Dona Lenir Lampreia; Meus amigos Roberto Marinho e Dona Lili; Senhor Chanceler do Uruguai, Álvaro Ramos; Senhores Embaixadores; Senhores Parlamentares; Senhoras e Senhores.

Este é um fato que eu não diria raro, mas um fato que não acontece todos os dias: o de nós podermos exibir aqui, em Brasília, uma coleção da qualidade desta de Roberto Marinho; e exibi-la neste prédio, do Itamaraty, que me é tão caro, como é caro a tantos de nós, que não só respeitamos a nossa diplomacia, como também amamos a nossa arquitetura.

Eu dizia ao Doutor Roberto Marinho, há pouco, que Oscar Niemeyer, que me deu a honra de visitar-me recentemente, falando sobre Brasília, disse que este prédio do Itamaraty era o que permitia uma espécie de iniciação a Brasília – talvez modéstia dele: eu acho que é mais do que uma iniciação, é uma síntese da arquitetura de Brasília.

Pois bem, a coleção que vamos inaugurar hoje, aqui, nesta sala de exposições, é uma iniciação à moda Niemeyer, porque vai permitir uma

visão muito sintética, e das mais grandiosas, da arte brasileira. Eu a conheço, não sei se na sua integralidade. Há quadros que são absolutamente expressivos.

Não sei se estão aqui os Portinaris, notadamente um Portinari que tem uns animais e umas flores, muito bonito, que dá uma outra dimensão do Portinari, talvez um que não fosse ainda – embora já tivesse sido posterior às suas primeiras obras – o Portinari do Modernismo, mas quase surrealista. É das obras que mais comovem a quem tem o olhar capaz de sensibilizar-se pela pintura. Espero que esteja aqui. Se não estiver esse Portinari, tenho certeza de que estarão Pancettis e outros luminares da nossa pintura, que vão permitir aquilo que é essencial: que a comunidade de Brasília – sobretudo os mais jovens, os estudantes –, como diz o Doutor Roberto, veja, chegue perto destes quadros.

Nunca me esquecerei – quando, ainda adolescente, ou quase, visitava o Museu de Arte de São Paulo – da emoção de ver, pela primeira vez, quadros de Rembrandt, quadros de Picasso. São coisas inesquecíveis. A mim isso me tocou tanto que tive a ousadia de fazer um curso para ser guia de museu. Fui assistir, durante meses, às aulas do Bardi, que nos explicava e ensinava a divisar na pintura algo muito mais profundo que simplesmente num olhar de relance.

Essa experiência de adolescência, que na Europa as pessoas têm, ou nos Estados Unidos, desde criança, com as escolas que se movem para ver os museus, é o que nós vamos poder ter, em escala temporária e menor, aqui, com esta exposição que estamos inaugurando hoje.

Eu gostaria que mais tarde nós pudéssemos ter em Brasília um Museu. O Ministro da Cultura, Doutor Weffort, tem conversado comigo muito sobre isso. Nós temos um acervo grande, que pertence ao Banco Central, a alguns Ministérios, à Caixa Econômica, que, uma vez reunido, poderia servir de mostra mais perene, para que possamos, realmente, familiarizar muito mais os que vivem em Brasília com a arte, sobretudo com a arte brasileira.

Mas não gostaria de encerrar estas brevíssimas palavras sem fazer uma menção àquele que possibilitou este acervo. Alguma vez, algum tempo atrás, me coube fazer uma saudação a Roberto Marinho. Eu,

então, disse que ele tinha um certo aspecto, uma certa dimensão do empresário, tal como Sombart, um famoso historiador e sociólogo alemão, que descreveu a formação da burguesia européia. Ele descrevia que o verdadeiro empresário é o homem que tem o gosto da aventura, do risco, da inovação.

Pois bem, esta dimensão, hoje, do colecionador que aqui apresenta a sua formidável coleção deve ter um outro desdobramento. Acho que é uma pitada de renascentismo, algo que aqui, no Brasil, a gente talvez não valorize tanto; mas temos isso entre nós. E Roberto Marinho é um exemplo disso. Tem uma dimensão renascentista, de alguém que ousa no mundo dos negócios, que ousa na política e que ousa nas artes.

Vou terminar dizendo o seguinte: Roberto Marinho tem uma dimensão renascentista não apenas porque coleciona – o que já é uma demonstração da sensibilidade renascentista –, mas porque ele é escultor, faz esculturas. E a primeira vez que as vi até pensei que não fossem dele, me desculpe, mas eram enormes, bonitas. Depois ele me explicou o que fez, como fez, de que maneira fez. Acho que alguém que, além de todas as características conhecidas do Brasil inteiro, não só tem uma coleção, mas ainda consegue plasmar um pedaço da natureza e a transforma, para dar um toque de sensibilidade, é um homem do Renascimento.

É a este homem do Renascimento, à Dona Lili, ao Itamaraty que saúdo muito vivamente e tenho certeza de que esta exposição vai marcar, em todos nós, um momento de emoção estética.

Muito obrigado.

